



POOTO MOA SIPRIANO

POOTO

Moa Sipriano

Aconteceu na penúltima noite fria de um agosto oitentista.

Minha mãe, que era empregada doméstica, toda sexta permanecia no serviço até mais tarde, pois precisava esperar o retorno da patroa para enfim receber seus míseros dinheiros. Justo no maldito último dia útil da semana, a rica senhora costumava retornar das ruas bem depois da oitava badalada. Só quando Dona Rica finalizava seu jantar solitário, supervisionando a seguir a reluzente cozinha na mais perfeita ordem deixada pela fiel empregada, ela então pagava minha mãe e também liberava os outros empregados: um ancestral motorista e a menina estrábica que cuidava dos cães.

Naquele álgido escuro específico, sem vontade de brincar com o Falcon de um só braço e cansado de montar naves espaciais com meus falsificados Legos imprestáveis, fiquei na cama com meu pai, assistindo o telejornal do Canal Cinco.

Uma garoa vaporosa na companhia de um vento indolente tamborilava na janela do nosso único quarto. Aninhado no peito felpudo do meu protetor, feito um filhote de urso pardo, eu alternava entre o cochilo e a atenção diante das imagens de uma guerra incompreensível que pipocava na tevê.

Após uma enxurrada de notícias tristes, Osni deu na telha de beijar a ponta do meu nariz, aconchegando-me com surpreendente disposição em seu delicioso abraço ursino.

Sonolento, percebi depois de alguns minutos que meu cuidadoso papai rebuscava sutilmente o meu traseiro. Ingênuo, confesso que gostei do que eu acreditava ser apenas um carinho diferenciado.

O som da televisão preto e branco foi aumentado. A mão calejada transmitia calor e conforto. Amor paterno embebido num timbre estático. Relaxei de vez.

Tonteado, quase apaguei, feliz da vida, envolto em carícias intensas e um bafo de alto valor etílico emanado pelo homem rústico, inquieto, atarantado.

De repente, minha mão gorducha foi conduzida até o pipo do meu pai. Aquilo estava duro feito um tijolo e para um ser sem noção como eu, parecia que o sexo daquele homem era algo descomunal de tão grande, grosso e veiuado.

Minha cabecinha com miolos em formação foi delicadamente empurrada para baixo, até meus lábios darem de encontro com a cabeçorra daquela coisa disforme que fedia a queijo dos ricos.

Quase vomitei quando papai Osni forçou minha boca a engolir uma parte daquilo torto. Segurando meu pescoço roliço com desleixada paciência, o garanhão fez com que os movimentos brucutus entrassem num ritmo sincronizado.

Acabei me acostumando com o gosto avinagrado do sexo vencido. Chorando em histeria, meu doce pai gemia e se contorcia em poses impossíveis, até flagelar minha testa no segundo minuto com uma pasta quente que tinha o aroma de água sanitária.

Fungando detalhes do que me dera vida um dia, ainda abobalhado e nauseado pelo vai e vem da minha inocência no meio daquelas coxas peludas, logo após o prazer egoísta fui lançado de maneira brusca para o mundo real acima das cobertas.

Entre puxões de orelhas bem doloridos, arrependidos beijos confusos nas minhas faces pétreas e todo tipo de ameaças sem um pingão de lógica, meu honrado genitor trêpado me fez jurar que eu jamais contaria nada daquilo para minha mãe ou mais ninguém dentro ou fora da nossa família.

Cinta carcomida na mão, era firmado entre nós o Segredo.

E segredos não deveriam ser revelados.

Meu primeiro contato com o sexo se deu aos nove para dez anos de idade.

O demônio nunca mais ousou me tocar.

Foi assim que tudo começou.

* * *

Aos onze anos presenciei a cena familiar mais revoltante da minha curta existência medíocre. Era a passagem para o primeiro dia de 1986.

Cervejas, sidras, limonadas bailando entre dez quilos de açúcar, bolos de chocolate, frango frito e uma maionese cheia de seres alienígenas boiando em sua gosma bege faziam parte do cardápio da santa ceia de uma paupérrima família harmoniosa.

Mamãe, papai e eu estávamos comendo, bebendo e sorrindo junto com os vizinhos da Rua Santo Antônio.

Assim que cantamos o cinco-quatro-três-dois-um, uma saraivada de coloridos fogos barulhentos riscou a noite gelada. Tudo deveria ser o começo de uma simples fase feliz, produtiva e harmoniosa.

De repente, meu pai abandonou por alguns instantes o jantar comunitário. Sineia, a vizinha novinha, também.

Uns dez minutos de um novo ano já haviam se passado. Minha mãe pediu para eu procurar meu pai, pois a cerveja estava acabando e eu era muito fraco e nanico e destrambelhado para abrir o *freezer* horizontal e retirar a terceira penca de garrafas brahmíneas.

Entrei na minha casa de boa madeira e não encontrei ninguém. Curioso, ao reparar nas luzes acesas na outra casa que deveria estar vazia, pulei o muro baixo que separava nossa singela propriedade da construção vulgar da vizinha purinha.

Ouvi gemidos na área de serviço. O resto do enredo é calcado no óbvio.

A vadia estava sentada no colo do meu pai. Bêbado, ele escondia o rosto inchado no rasgo dos amorenados balões da mulher – que todos achavam que era uma santa! – a fim de abafar os desatinos da sua enorme safadeza.

Eu saí correndo e na calçada berrei algo sem roteiros, chamando Iolanda.

Minha mente bloqueou boa parte do que ocorreu a seguir. Só recordo os gritos alucinados da minha ferida mãezinha ao esbarrar sua incredulidade na finalização daquela cena deprimente.

Até hoje alguns fragmentos espocam em meu cérebro demente. Lembro-me do meu pai expulso de casa a vassouradas e da tristeza que invadiu meu ser ao captar os soluços da minha mãe chorando nas noites chuvosas de janeiros sem fim. Porém, vibro com alegria insegura por ter me vingado do sujeito que desvirginou minha boca acriançada.

Naquele drama, cansado de presenciar minha mulher amada sofrer horas a fio pilotando fogões de casas sofisticadas ou de bares deprimentes, ganhando toda semana o mínimo do mínimo para sustentar o filho único, a si própria e a montanha de dívidas acumuladas no decorrer da solidão, jurei que um dia eu ia cair nas ruas à procura de um pouco de conforto a fim de iluminar nossa humilhante situação.

* * *

Foi o pastor Laerte a me presentear com a primeira oportunidade de trabalho.

Aos treze para catorze anos iniciei minha “carreira profissional”. Eu aparava a grama uma vez por mês e varria sua igrejola três vezes por semana, sozinho, sem ajuda de anjo nenhum.

Depois de horas tirando o pó, realinhando bancos de madeira e encerando o púlpito cadavérico do caquético salão das orações vazias, o cansaço criava alucinações bizarras, onde eu me pegava a bailar com apóstolos com caras de veados e um cristo todo poc-poc, isento de rugas, carregado de uma maquiagem excessivamente “me ame, pois eu sou um sofredor”.

No final do expediente entediante, o amigo-santo sempre me convidava para tomar uma taça de vinho tinto em seu escritório particular.

Havia todo um ritual a ser seguido. Eu engolia o vinho jundiaiense, enquanto o bom anfitrião enxugava com uma toalha macia o suor acumulado nos meus músculos isentos de virilidade.

Em seguida vinham as carícias tímidas, retraídas, ressabiadas. Depois, beijos melados de uma boca sem os italianos dentes artificiais cobriam cada centímetro da minha alma incorreta, do pescoço para baixo.

Completando o cerimonial, o Escolhido caía de garganta no meu sexo em formação, para em seguida eu terminar o serviço nos contornos do seu corpelanca.

Foi assim que aprendi a comer, enquanto o pastor encarava uma foto da família amarfanhada na carteira e pedia perdão para um deus que certamente tinha mais o que fazer do que presenciar toda aquela patuscada.

Fim do terceiro ato, três notas de dez eram religiosamente enfiadas no bolso traseiro da minha bermuda surrada. De pensar que a contribuição dos irmãos financiava a demência de um velho tão popular, hipócrita, nefasto.

Um investimento justo pelo silêncio da nossa imundície.

* * *

Três dias antes do meu aniversário de dezoito anos, encontrei o homem que abriria as portas da minha independência financeira.

Eu estava na Praça Central, ao lado do coreto, entretido com um picolé de limão, lendo um folheto de alistamento militar.

Gobbo surgiu do nada e para o Nada me levou consigo.

Diante de um sorriso que não era desse mundo, fui convidado a entrar no pouco discreto Miura Saga, vermelho-hemorragia, encostado ao meio-fio, bem no âmago da cidade entristecida, num sábado modorrento.

Um homem negro, coberto de ouro e imponência, acariciou minha entrada nas profundezas de um banco de couro convidativo.

Rodamos, rodamos e rodamos até chegar ao universo de contos de bruxas.

Não senti medo algum quando atravessamos os limites do meu Interior. Anhangueras ao longe, a porta de um universo paralelo se partiu em seis e descobri que havia – de verdade! – um pote de ouro liquefeito no fim dum arco-íris não mais imaginário.

Na deslumbrante materialização da minha boquiaberta pessoa bem no centro de um apartamento luxuoso localizado no tal bairro das Perdizes, meu corpo caipira foi estudado minuciosamente através de toques firmes, precisos, ousados.

A dor pela perda da virgindade traseira foi uma consequência natural da minha passagem para o mundo dos adultos. O batismo veio a cavalo, no seio da humilhação de uma revolta imposta por um filho da puta milionário.

O pacto entre o novilho e o cafetão foi selado com sangue, suor, muitas lágrimas e pouca porra quarenta empestada em merda juvenil.

Um detalhe tudo a ver: depois da nossa primeira vez, foi Gobbo a me ensinar as maravilhas da Senhora Chuca. Virei um viciado em bidê!

Entreguei meu corpo durante quase um ano para aquele homem dourado, dono insaciável de um apetite quase demoníaco por rapagotes sofridos, inocentes, nada sonhadores. Em troca, aprendi tudo o que um macho gosta de sentir na cama, tornando-me discípulo dedicado na arte do sexo prostituto.

* * *

Pooto.

É o meu toско pseudônimo de guerras.

Fui oferecido a dezenas de homens cobertos de cordões e anéis de ouro, joias caras, arrogância ferina, fragilidade excessiva e cartões de crédito sem limites.

Dois, três, quatro ou dez por dia entravam e saíam dos meus domínios bem demarcados, sem constrangimento algum. A proteção de um pedaço de borracha entre picudos ainda era um insulto e sacrilégio em pleno ânus oitenta.

Eles pagavam bom preço pela novidade. Fortunas eram gastas pelo prazer de degustar a carne fresca de um cabrito recém-abatido que ainda cheirava a leite.

Aprendi que minha boca valia muito, muito dinheiro, dado o verdadeiro milagre que ela realizava ao ressuscitar sexos amorfos de anciões a um passo da eternidade.

Comecei a fumar de imediato. E a cheirar quatro meses após assumir minha nova identidade. Você já sabe: o beber rolava desde os treze – santo pastor Laerte! –, mas é claro que agora eu só me esbaldava com bebidas importadas, finas, extravagantes, cheias de frescuras. Grande bosta, pois o resultado final era o mesmo que consumir uma cachaça de quinta na oitava esquina.

* * *

Agraciado pelos céus com um corpo invejável, muita saúde e um instinto de sobrevivência fora do comum, em pouco tempo eu já dominava meu ofício com maestria.

Ainda morando na casa de Gobbo, aos vinte eu já me proporcionava o luxo de escolher quem levar para cama, cobrando qualquer quantia ou favores rabo preso pelos meus préstimos sexuais.

Meus seis políticos. Meus dois técnicos de futebol. Meus inúmeros empresários. Meu apresentador de programa domingueiro.

Gobbo era amicíssimo da minha mãe, que o tinha como um verdadeiro salvador dos fracos e reprimidos. Para ela, a história confirmada era a de que eu trabalhava como estagiário num importante escritório de advocacia em São Paulo.

Até cartão de visita com meu nome gravado em letras douradas eu tinha, para tornar a demência mais palatável. Segundo Gobbo, eu ainda seria um verdadeiro craque em Direito. Afinal de contas, eu era um talento que merecia todo o investimento feito pelo patrão, advogado do diabo.

Dona Iolanda acreditou que eu trabalhava de dia e estudava à noite, dedicando-me com afinco às matérias impostas por um colégio rígido, dispendioso.

Por esse motivo era que eu só podia vir de tempos em tempos a Itupeva e desfrutar não mais do que dois ou três dias na companhia da minha santa mãezinha.

Ah, um pacote de notas coloridas era deixado dentro de um envelope de papel pardo toda vez que eu visitava a sonhadora e sofrida mulher.

Na casa nova, ela sentia um tremendo orgulho da carreira estelar do seu filho único.

Quando eu e Gobbo saíamos de lá para voltar ao nosso calabouço de luxo, eu tinha vontade de esquartejar com um machado cada dobra do meu corpo imundo dentro do reluzente Audi cerúleo do meu dono. Eu sonhava com meu sangue podre besuntando cada poro dos aquecidos bancos de couro bege.

* * *

Hoje sou Pooto maior, pois completo vinte e um anos.

Cultivo treze amantes fixos que me garantem uma renda mais do que suficiente para sustentar minha mãe, minhas lindas casas, meus videogames e outros vícios menores.

Estou aprendendo a dirigir, pois acabo de ganhar de Gobbo meu primeiro Corolla, mas ainda não tive autorização de tirá-lo da garagem sozinho.

Minha mãe não trabalha mais. A sua casa agora é própria. Ambas as poupanças engordam dia após dia. Conforto e segurança para velhices tranquilas.

A desculpa da vez? Ora, ora. Deixei o lado advogado para me tornar um protótipo de agropecuarista.

Oh, Mamãe. Seu novilho virou búfalo!

Ontem eu soube que meu pai fugiu para Macapá com uma menina no colo e mais dois filhos no bucho de uma coitada dezessete, sua especialidade.

Não trabalho mais às quartas-feiras. Tiro esse dia para usar meu namorado-amante-ignóbil, uma bichinha divertida que conheci lá no Belenzinho.

Oh, meu Ademar. Figura carente e ingênua que ainda acredita em fidelidade e amor eterno. Ela é a única pessoa que consegue me fazer rir um pouco. E também é o único que chupa um cacete tão bem quanto eu.

Não cultivo sonhos ou projetos de vida. Vivo cada dia como se fosse o último. Visito todos os extremos sem pestanejar, pois não conheço as faces do Medo, nem travo receios diante do Vazio.

Nas horas solitárias ao lado de homens onde só conheço o corpo, o valor de mercado e os instintos mais babacas, durante breves cochilos para repor as energias me pego a recordar o gosto rançoso do meu pai em minha boca.

Ao contrário do que muitos dizem, meu estilo de vida não é simples de ser vivido. Sexo vicia. Dinheiro “fácil” também.

Permito que meus centenários selecionados se deliciem com meu corpo *forever young*. Sou mestre em desferir atos mecânicos desprovidos de qualquer sentimento.

Pelos meus cálculos, preciso de mais quatro anos de trabalho para atingir minhas metas e assim encerrar de vez a minha... carreira.

Dinheiro não será problema. Aprendi com muitos custos a ser um excelente administrador de todos os meus bens. Esse é o único ponto da minha sabatina em que posso afirmar o quanto Gobbo foi honesto comigo.

Desejos de consumo material já não existem mais. Gasto uma ínfima parte do meu dinheiro no aplacar da minha solidão.

Atualmente, só faço investimentos em bens sólidos.

Terra, sempre terra.

Aqui e agora, ao meu lado, Gobbo dorme seu sono solto. Tiramos a tarde de hoje para recordar nossas primeiras fodas, quando ele me ensinara a arte de ser submisso ou dominador junto aos caras que sustentariam o nosso futuro.

Hoje fui seu homem. Meu sexo bem evoluído arrombou seu traseiro reto, flácido, malcheiroso.

Recordando uma infância perdida, na varanda do meu magnífico apartamento eu observo flóquis rebeldes que se desdobram ao sabor do vento, criando figuras divertidas num céu azul pipocado de pedaços de algodão-doce. Fecho os olhos por um instante. A dor na minha alma ausente é sulfúrica, profunda, dilacerante. Sim, eu carrego o último sonho. Você sabe: sou Pooto, o mestre na arte do sexo entre os Não Compreendidos!

Mas eu ainda sonho em, um dia, fazer o Amor com você – VOCÊ MESMO! – e ouvir pelo menos uma única vez as três palavras a selar o destino dos idiotas:

“Eu te amo!”





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**